

# Revolução

**CONSTRUAMOS  
A UNIDADE  
REVOLUCIONÁRIA**



**ESMAGUEMOS  
O FASCISMO**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO**

dos leitores

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



# Revolução

## SOARES : Psicologia ... contra o fascismo

A ofensiva reacção avança em todas as frentes, não por acaso, mas sim bem orquestrada e com a cumplicidade do Governo de Mário Soares.

Provas disto bem evidentes são as declarações por ele prestadas aquando da sua visita aqui ao Nordeste Transmontano numa reunião que teve com camaradas socialistas (P.S.) no Complexo Agro-Industrial do Cachão: ao demonstrarem-lhe a preocupação com o avanço da direita reacçãoária que aqui montou o seu quartel general, Mário Soares respondeu «Camaradas temos de agir com psicologia. Vocês o que devem fazer é deixá-los trabalhar à vontade para não provocar problemas. Mas descansem que eu vou enviar-vos dois técnicos psicólogos do Partido para lidarem com eles» (os fachos). Aqui têm tal e qual. Os militantes socialistas que até aqui lutaram um pouquinho contra os fachos reacçãoários do C.D.S. (E.L.P.) e P.P.D. não devem lutar mais. Devem deixá-los à vontade pois os psicólogos tratam-lhes da

saúde. E ridículo camaradas.

E é assim que neste concelho de Carrazeda de Ansiães o Presidente da Câmara é C.D.S. e por coincidência chefe concelhio do E.L.P./M.D.L.P.; Que os grandes proprietários se organizam em Cooperativa e se autoneomiam Direcção da referida Cooperativa e assim reocuparam legalmente (!) as instalações do ex-grémio. Os socialistas (P.S.) pensando que o Governo não legalizaria tal Cooperativa não se inscreveram. Vem a saber depois que o Governo vai legalizar a Cooperativa e a única chance que lhes resta é inscreverem-se e conseguirem a maioria da Assembleia Geral, o que é difícil pois os pequenos agricultores estão desorganizados e a maior parte são P.P.D.s e C.D.S.s; que um dia após a visita de Mário Soares vem cá a C.A.P. reunir com esses tais senhores (grandes proprietários C.D.S.s e P.P.D.s) e propõe-lhes a formação de uma Associação de Agricultores ligada à Confederação. Como é natural mais uns ataques ao Governo e em resposta a

uma pergunta de um camarada socialista que lá se encontrava como observador sobre «quais os objectivos práticos dessa Associação» foi-lhes dito que eram apenas reivindicativos e se fosse necessário pedir algumas coisas ao governo, os lavradores ligados à Associação deslocar-se-iam de todo o país a Lisboa, ao Porto ou onde fosse necessário para pressionarem o governo. Posto isto camaradas e sintetizando tudo parece engranar para um golpe fascista a pequeno prazo. E já Mário Soares diz a encerrar o Congresso do P.S. que «em 76 lutámos contra um golpe stalinista; em 77 lutaremos contra um golpe fascista como o do Chile».

E eu pergunto: é «deixando os fascistas trabalhar à vontade» que se luta contra o fascismo? A hora da verdade está a chegar, ou fascismo ou Revolução Socialista. Camaradas, pela Revolução Socialista.

**SAUDAÇÕES  
REVOLUCIONÁRIAS**  
Mogo de Ansiães  
CARRAZEDA  
DE ANSIÃES

### UNIVERSIDADE PROLETÁRIA ERNESTO E LUÍS LIVRARIA-BIBLIOTECA

Encontra-se aberta na UPEL uma LIVRARIA-BIBLIOTECA, cujo horário normal de funcionamento é das 13 às 21 horas, e na qual podes adquirir livros com um desconto progressional ao preço de capa e que vai até aos 25 por cento.

**VAI LÁ ● LÊ OU COMPRA LIVROS ● DÁ SUGESTÕES**

Para aumentarmos a variedade e sobretudo a qualidade das publicações que apresentamos precisamos do teu apoio.

A UPEL fica na Av. 5 de Outubro, 68, Lisboa

### Revolução

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....  
PROFISSÃO .....

PAÍS	Semestral	110\$00	Pagamento
	Anual	220\$00	
ESTRÁNHEIRO	Semestral	400\$00	Em cheque <input type="checkbox"/>
	Anual	800\$00	Em vale <input type="checkbox"/>

# Lê assina divulga Revolução

### PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670

DELEGAÇÃO DO NORTE  
Rua Álvares Cabral, 110, PORTO  
LIVRARIAS REVOLUÇÃO

### ODIVELAS

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 às 20 horas

### Stª Iria da Azoia

Rua S. Francisco Xavier, n.º 10-A

### ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110  
Tel. 315759/315786

MATOSINHOS — Rua Cond. e S. Salvador, 374  
Tel. 931925

### ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Ferreira Borges,  
Tel. 22961

MARINHA GRANDE — Rua Marquês de Pombal, n.º 85

ARGEA — Tel. 92169

ORG. REGIONAL DE LISBOA  
LISBOA — Av. da República, 40  
ALGÉS — Rua Vitor Duarte  
Pedroso, n.º 15 - Algés de Cima  
Tel. 2100337

PAREDE — Rua Gomes Freire de  
ANDRADE, 1 Tel. 2474142

### ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETÚBAL — Praça do Bocado, 3  
Tel. 28949

BARREIRO — Rua dr. Eusébio  
Leão, 31 Tel. 2076745

LAVRADIO — Rua dr. José Carcano Lobo, n.º 312

TORRÃO — Horta Seca

### ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, n.º 21 Tel. 24998

ALJUSTREL — Rua da Liberdade, n.º 13, Aljustrel

### ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — Rua Reitor Teixeira Guedes, n.º 35 - Tel. 24107

LOULÉ — Av. José da Costa Meilha, n.º 39 - 1.º Tel. 63043

PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17 — 24958

MONCHIQUE — Estrada da Foia, 9, Monchique

VIANA DO CASTELO — Rua de Santa Maria, 102 Tel. 24320

BARCELOS — Av. Liberdade 60/c Tel. 83099

CASTELO BRANCO — Rua de Santa Maria, 10 Tel. 179

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua Jaime Afreixo n.º 142  
Tel. 24148

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro N.º 16-17 Tel. 2512807

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, n.º 40 Tel. 939525

CACÉM — E. de Paço de Arcos, lote 16, lja. T. 2845096

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional, n.º 10  
2763397/2763122

QUINTA DA LOMBA — Rua de Goa, 21-A

SINES — Rua Marquês de Pombal, n.º 86 Tel. 62880

BEJA — Rua Alexandre Herculano, n.º 29 Tel. 24594

OLHÃO — Rua 18 de Junho, n.º 64 - B - C

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio 24735

ESTOMBAR — Rua D. Pedro Galvão, 5

### UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 77007

# O CONGRESSO DO PS

A segunda parte do Congresso do PS, que se realizou no Porto, acabou aquando da discussão, 37.º dos 85 artigos dos Estatutos a aprovar nessa sessão por falta do quorum.

Este facto, sendo o mais espectacular dessa reunião, não era contudo inesperado pelo Secretariado do PS que tomou a seu cargo a aprovação dos restantes artigos.

A linha política de Soares saiu assim reforçada enquanto são cada vez mais diminutas as hipóteses de discussão interna no PS.

## A FALTA DE QUORUM

O Congresso demonstrou uma clara resistência de muitos delegados às modificações dos estatutos que procuram uma centralização da capacidade deliberativa nas cúpulas do Partido.

Como porta voz dessa resistência evidenciou-se Lopes Cardoso que pelas suas intervenções mostrou não estar interessado em provocar cisões, mas sim a lutar ainda dentro do PS contra o desvio à direita que, a direcção conduz.

Contudo a falta de discussão e de democraticidade e internas produziram, como aliás salientou o ex-ministro da Agricultura, o desinteresse de muitos delegados, o que reflecte por sua vez o cada vez maior afastamento das bases do PS.

É de salientar que um factor importan-

te na falta de debate foi o de os estatutos discutidos não serem os que tinham sido elaborados na outra sessão do Congresso e levados às bases, mas sim uma versão redigida pelo Secretariado. Lopes Cardoso denunciou tal facto e propôs que fosse na base dos primeiros que se fizesse a discussão, contudo a sua proposta foi derrotada.

## QUE FUTURO PARA O PS?

O PS com partido burguês no Governo não tolera que discussões internas possam abalar a sua credibilidade junto dos sectores (nacionais e estrangeiros) de que depende.

Estes meses de Governo desiludiram grande parte do seu eleitorado; muitas bases e quadros médios estão confusos; a única maneira que o PS

encontrou de impedir que essa «confusão» atinja as cúpulas foi isolá-las do resto do partido, abrindo um fosso entre, por um lado, uma elite governativa mais ou menos coesa que mais hipóteses tenha de dar continuidade ao Governo e, por outro, as bases (e eleitorado) que não intervêm de modo nenhum na orientação do partido do Governo.

O que quer dizer que enquanto a cúpula governativa do PS adquire a estabilidade (direitista) que lhe é exigida pelos seus credores, o desinteresse e a desmobilização das suas bases fazem com que, como salientou L. Cardoso, o «PS corra o risco de desmembramento», com a fuga de grande parte do seu eleitorado mais esclarecido para zonas políticas que lhe são consideradas fronteiras, enquanto que noutros eleitores o «Socialismo» ficará uma palavra queimada por todo este tempo de farsa governativa.

No fundo o partido do Governo sofre a agudização das consequências de ser um partido de nome socialista, com uma base de apoio em grande

parte socialista, e com uma prática capitalista por excelência.

## SUSPENSÕES E EXPULSÕES

O facto dos requerimentos para discussão do problema dos expulsos terem sido recusados pela mesa sem que ninguém tenha discordado indica que a nível de delegados a solidariedade com eles não se manifesta significativamente. Contudo os homens que neste momento defendem ideias de esquerda dentro do PS vêem que cada vez têm menos possibilidades de as suas posições sequer ouvidas.

Dentro destes Lopes Cardoso que mais se tem destacado foi alvo da chantagem de Manuel Alegre: «Um momento difícil em que foi atacado, L. Cardoso teve com ele a solidariedade dos principais dirigentes do partido; o problema que se põe é se ele agora vai ser solidário com o partido».

Contudo, sabendo que este e outros militantes continuam a quebrar o silêncio que Soares impõe, será que as suspensões e expulsões no PS ficarão por aqui?

# OS PARTIDOS PREPARAM-SE PARA A REMODELAÇÃO

A direcção do PS conseguiu no Congresso do seu partido (principalmente na recente segunda sessão) alguns instrumentos necessários para promover, sem grandes sobressaltos internos, uma remodelação ministerial.

Se essa remodelação consistirá apenas em «reajustamentos técnicos» ou envolverá acentuadas alterações políticas de fundo, só as negociações que estão ainda por fazer poderão decidir.

É de salientar a recente inflexão de Mário Soares na sua intervenção no Congresso: o receio do avanço do fascismo e a afirmação de que o PS o deterá. Deste modo, ao mesmo tempo que se serve de afirmações como estas como meio de interessar de novo as camadas a ele afectas que se desmobilizam cada vez mais, Soares pretende também alentar no PC algumas esperanças de acção comum. Isto porque, depois do sucesso do Congresso dos Sindicatos, o PC sente-se reforçado nos trunfos que o Governo precisa de lhe comprar: a possibilidade da contensão das lutas dos trabalhadores.

## PSD — REGRESSO À «MAIORIA DEMOCRÁTICA»

Depois de ter buscado reforços em Espanha, Sá Carneiro conseguiu fazer sair o seu partido de um certo isolamento em que tinha caído, passando das propostas (na altura inviáveis) de um Governo presidencialista para as actuais propostas de um Governo apoiado pelo PS, PSD e CDS.

Isto porque Sá Carneiro compreendeu que a sua oposição total ao Governo não criou o pretendido isolamento do PS de modo a este ter de lhe fazer cedências, mas sim que o CDS aproveitou habilmente a saída do PSD do

seu lugar de direita crítica mas colaborante, para se insinuar, ele próprio, CDS, junto do Governo e conquistar posições nos sectores onde o PSD se tem apoiado. O reforço de peso político que o PSD busca a todo o custo surge por saber que a etapa de recuperação capitalista por via tecnocrática que o imperialismo ainda apoia pode vir a esgotar-se sem que o PSD tenha jogado a sua chance de Governo. Antes que isso aconteça este partido tem que aparecer como uma organização forte e coesa, alternativa ao PS não essencialmente a nível do modelo económico a seguir, mas sim a nível de competências.

## O CDS

«O nosso objectivo não é, evidentemente, entrarmos um dia para o Governo PS mas sim substituímos a seu tempo o Governo PS por um Governo CDS». (Freitas do Amaral ao «Diário de Notícias»).

O CDS está assim naturalmente interessado em só procurar a queda do Governo PS quando isso arrastar também a queda do modelo económico em que o PS situa a sua acção. Ou seja, ao CDS não convém que o Governo PS caia para dar lugar a um Governo dominante PSD que «agente» a situação por mais tempo.

O CDS sabe que muitas das con-

dições impostas pelo imperialismo para conceder os seus empréstimos se situam já na execução do modelo por que se bate: a restauração da econo-



mia do mercado integral. Se bem que contestada por parte das suas bases, que reencontram a sua vocação política no MIRN e no PAP, a política de aproximação com o Governo levada a cabo pela direcção do CS encontra apoio em sectores afectos ao Imperialismo que apostam numa transição não muito violenta para um regime de violência legalizada.

Repare-se que a União Europeia das Democracias Cristãs aprovou uma moção de apoio à adesão de Portugal de Soares à CEE.



e a actualidade nacional

# ENCONTRO REGIONAL DO NORTE

A Organização Regional do Norte do P.R.P. realizou, em Matosinhos, nos dias 5 e 6 de Fevereiro, um plenário das direcções locais e de sectores, tendo analisado o momento político actual e definido as tarefas que daí decorrem para os trabalhadores e para os revolucionários.

1 — É cada vez mais visível o avanço das forças fascistas que já não passa despercebido às largas massas trabalhadoras e que faz despertar as consciências anti-fascistas mesmo dos mais recuados.

A nível nacional nota-se o avanço de organizações claramente fascistas legais e clandestinas como o C.D.S.; P.A.P.; M.I.R.N.; E.L.P.; etc. que conspiram permanentemente contra os trabalhadores, obedecendo a planos de amplitude internacional e preparando afanosamente o seu golpe. Esta organização tem a sua correspondente fundamental no interior das Forças Armadas e que já vai ao ponto de contestar o novo comandante da P.S.P. do Porto só porque não é bombista.

O Governo P.S. caminha a passos largos para o seu fim. Com o recente saneamento, à esquerda no interior do P.S. a ala direita deste partido não só obedeceu e cumpriu as ordens dos patrões imperialistas como ainda prepara terreno para fazer reajustamentos ministeriais chamando mais alguns Cardias e Barretos para o Governo, pensando assim negociar melhor os dólares que os patrões americanos tinham resolvido congelar enquanto não houvesse «melhores condições políticas».

Este Governo pensa sair da grave crise económica que o País atravessa com a recuperação capitalista a todos os níveis (inflação galopante, regresso dos patrões, leis anti-operárias, despedimentos, despejos, etc.), com um em divindamento ao estrangeiro incompatível com a independência nacional e usando cada vez mais a repressão para atacar os trabalhadores em luta. O espectáculo da acção dos Ministérios da Agricultura e Pescas nas desocupações do Alentejo, do M.E.I.C., da Comunicação Social, etc., é cada vez menos digna de qualquer Governo dito socialista.

Esta situação que não perdoa os compromissos das forças reformistas e conciliadoras e que deixa prever que o confronto é inevitável, vai-se tomando cada vez mais clara às largas massas que procuram demarcar-se neste momento e fazer frente às forças de carácter fascista ou fascizante. Pelo que, no confronto que se avizinha o proletariado não estará sozinho e certamente não será derrotado. Tudo depende do grau de unidade e organização dos trabalhadores e seus aliados.

2 — O P.R.P. tem largo contributo a dar aos trabalhadores para esta unidade e organização. Desde sempre foi sua preocupação apontar os caminhos

da unidade e da organização revolucionária na preparação da tomada e exercício do poder pelos próprios trabalhadores, para a Revolução Socialista. Este objectivo estratégico tem que ser prosseguido em cada momento histórico da luta através de táticas adequadas a cada situação. Neste momento, em que assistimos ao desenrolar de numerosas lutas nos campos, nas fábricas e nos quartéis, é fundamental apontar aos trabalhadores envolvidos nessas lutas a saída revolucionária para a grave crise que a sociedade portuguesa atravessa. Essa saída passa por um trabalho sério e profundo de esclarecimento e organização nos locais de trabalho e de habitação onde as lutas se desenrolam contra o inimigo que é o fascismo e contra as estruturas capitalistas que o suportam. A unidade nos locais de trabalho e de habitação é fundamental, tendo que ter entretanto objectivos revolucionários e devendo ser feita em torno de um programa revolucionário. Assim é possível congregar largas massas de trabalhadores do campo e da cidade, de soldados e oficiais revolucionários. Em cada local de luta os revolucionários e os trabalhadores de vanguarda têm que apontar à classe as mais adequadas formas de organização que tomem possível um avanço na luta e uma estreita solidariedade operária a nível nacional. Essas formas de organização têm que

estar preparadas para suportar as importantes tarefas do confronto, de que a violência revolucionária é a componente fundamental.

3 — As importantes tarefas que o proletariado tem que levar a cabo neste momento exigem um forte partido revolucionário. A construção desse partido desde há muito vem preocupando o P.R.P., que nesse sentido apresentou um projecto revolucionário para o M.U.P. Este projecto foi, no entanto, traído por forças reformistas que criaram a sua caricatura representada no actual M.U.P. o que contribuiu largamente para destruir as esperanças que largos milhares de trabalhadores puzeram na movimentação de massas por altura da candidatura de Otelo.

Se a concretização desse projecto inicial neste momento é difícil o P.R.P. continuará a lutar pela construção dum forte partido revolucionário que organize os mais combativos e avançados elementos da classe e que nunca pactuaram com a burguesia e os seus partidos.

PELA UNIDADE REVOLUCIONÁRIA DOS TRABALHADORES PELO PODER DOS TRABALHADORES! PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!

## GALVÃO DE MELO

Há dias o deputado «independente» do CDS, Galvão de Melo, «botou» discurso na Assembleia da República.

Para tema de tão brilhante discurso, nem mais nem menos que a permanência de Portugueses em prisões nas ex-colónias. Se tivermos em conta: a realização do III Congresso da Frelimo; o facto de conti-

nuarem a «chover» sobre Moçambique todo o tipo de calúnias e acusações reaccionárias, sobretudo no momento em que a luta dos povos do Zimbabwé e da África Austral, em geral, se encaminham definitivamente para a vitória; a campanha que a informação fascista portuguesa tem desenvolvido contra as ex-colónias portuguesas; e o papel que o ex-general desespanhou logo após o 25 de Abril, opondo-se ao processo de descolonização — somos levados a pensar que este discurso traz mais alguma coisa do que aquilo que as palavras significam.

Depois de um longo período sem intervir na Assembleia, vem Galvão de Melo acusar a descolonização, e sobretudo os homens que a fizeram, propondo a ida de Melo Antunes e Rosa Coutinho, entre outros, à Assembleia para depor sobre esse processo. Curiosamente, na sua última intervenção na AR, promoveu-se a defensor de Mário Soares perante a extrema-direita ilibando-o de quaisquer «culpas» no processo de descolonização o que lhe valeu as críticas da mesma extrema-direita. Agora, no entanto, os objectivos do seu discurso são mais claros, e têm na mira única e exclusivamente, os militares do 25 de Abril.

Será por acaso que este ataque surge quando Rosa Coutinho é sus-

penso da Armada, e as pressões de direita sobre os «Nove» e Melo Antunes em especial, mais se fazem sentir? Será por acaso que nesta mesma altura se estão a atribuir comandos de unidades militares a indivíduos que fizeram frente ao 25 de Abril e a activar rapidamente a

Brigada da NATO em St.ª Margarida?

Será por acaso que tudo isto acontece, ou o que haverá por detrás disto?

OU NÃO SERÁ O 25 DE ABRIL QUE OS FASCISTAS DESEJAM VER NA PRISÃO?



## A REMODELAÇÃO

Continuação da pag. 3

### A REMODELAÇÃO

Sem entrarmos em hipóteses de nomes para o Governo remodelado, interessa contudo vermos qual a sua dominante política. Para isso é de ter presente que é Sottomayer Cardia quem está a fornecer a Soares as listas de nomes passíveis de serem incluídos no Governo.

Este Governo «duro» destinar-se-ia a garantir a aplicação das medidas de «austeridade» que há tanto tempo têm vindo a ser negociadas. Mas Soares sabe que isso não chega. É preciso obter, senão apoio, pelo menos a neutralidade das outras forças políticas; para tal terá que negociar com elas e é do resultado desses negócios que virá em grande parte a composição de um novo elenco governamental.

Preparando-se para o tal negócio

temos: O PC que exhibe as forças conquistadas no Congresso dos Sindicatos. A «Carta Aberta» ruiu totalmente, o PS terá de rever toda a sua política sindical e entretanto o PC «oferece-se» como um possível travão das lutas dos trabalhadores. — O PSD exige a sua força do segundo partido mais votado que tem procurado a todo o custo aumentar a sua força, propondo ao PS o diálogo conducente à celebração de um «compromisso demoático». Perante a derrota sindical do PS, o PSD oferece também vitórias importantes nesse plano (por exemplo, professores do centro e TAP) numa proposta de acção unitária dos «sindicalistas democráticos». O CDS tem «oferecido» o seu apoio como interlocutor privilegiado à direita do Governo, como contrapeso às pressões do PCP, sem esquecer os trunfos importantes de que dispõe ao influenciar a UEDC no sentido do apoio à política externa de Soares.

# EM FRENTE PELA UNIDADE REVOLUCIONÁRIA

## 1 O MUP FOI UM NADO-MORTO

O controlo partidário, sectário e golpista que ao longo dos meses se veio apoderando da maior parte dos G.D.U.P.s e das suas estruturas de cúpula rapidamente se traduziu numa grave hemorragia do movimento em formação, com a saída de trabalhadores das bases do P.S., do P.C. e partidários. Era uma primeira grande derrota do projecto unitário e revolucionário que esteve na base da candidatura de Otelo. A posterior saída da F.S.P., ainda que para uma falsa alternativa e embora não levasse consigo muitos militantes, veio ajudar a grave

mesmo reformista, estão à vista e só cegos ainda não viram a necessidade urgente de acabar com as ambiguidades e as ilusões.

## 2 QUE SAÍDA?

A BASE — FUT, uma das poucas organizações que ainda dão cobertura ao M.U.P., reconhece já que a situação no seio deste é de «ruptura». E alinhando por uma das «duas concepções de unidade popular, duas práticas», a BASE-FUT parece apontar justamente para uma unidade anti-capitalista a construir, que passa por uma parte do actual MUP e por fora

ga unidade anti-fascista e anti-capitalista, a partir das questões muito concretas que se colocam hoje com presença aos trabalhadores e aos anti-fascistas. O aparecimento de Comités de Unidade e Luta que englobem os milhares de camaradas saídos do P.S. e do P.C., assim como de partidários sem alternativa, da esquerda revolucionária, e militantes das próprias bases de partidos de esquerda, é tarefa imediata e fundamental. A criação de Comités de Unidade nas empresas para discutir e combater as leis anti-operárias e anti-trabalhadores do actual poder, para lutar contra a devolução das empresas ao patronato, contra a reintegração de fascistas e o despedimento de trabalhadores, para lutar por melhores salários e condições de vida, para eleger Comissões de Trabalhadores que defendam intransigentemente os seus interesses, para ter uma informação revolucionária contra as mistificações da ideologia burguesa veiculada através da maioria dos chamados órgãos de comunicação social, é uma das tarefas que se impõe com urgência aos trabalhadores e aos revolucionários.

A criação de Comités de Unidade nos bairros, que lutem contra os despejos, por uma habitação digna para os trabalhadores, contra o desemprego, contra a vida cara, por uma reforma justa, por uma informação e cultura ao serviço dos explorados e oprimidos, é outra tarefa fundamental do momento presente.

No domínio da Reforma Agrária, a

criação de comités unitários na luta contra a entrega das terras aos grandes agrários, pela expropriação das terras que a lei da Reforma Agrária previa, contra a divisão das terras e dos trabalhadores, pela concessão dos créditos indispensáveis, pela ajuda aos rendeiros e aos pequenos camponeses do Centro e Norte do País, pela Comercialização cooperativa e estatal dos produtos agro-pecuários, é, também, tarefa fundamental e urgente.

A organização e unificação de todas estas lutas à escala nacional, na perspectiva da ruptura não pacífica com a burguesia, na certeza de que é inevitável a curto prazo um confronto violento com as forças da reacção e do fascismo, é condição indispensável para que a burguesia e o imperialismo não vençam, para que o fascismo não saia vitorioso.

Todo este trabalho de organização e unificação das lutas fundamentais terá de ser obra dos militantes revolucionários com e sem partido que, assim, na prática, estarão construindo a indispensável direcção política revolucionária. Com esta organização e unificação firme das lutas, com a elaboração de um programa revolucionário estaremos a preparar a alternativa revolucionária capaz de fazer face de forma responsável às tarefas históricas que se colocam ao proletariado português na hora presente.

Em frente, pois, na Unidade Revolucionária.



desagregação a que os G.D.U.P.s já então claramente estavam submetidos. Esta saída da F.S.P. contribuiu para maior descrédito dos G.D.U.P.s e aumentou o campo de manobra do reformismo P.C.

Quase desde o início da constituição dos G.D.U.P.s que o P.R.P. se viu obrigado a denunciar e a combater da forma sistemática o sectarismo e o controleirismo que alguns procuraram desde sempre estabelecer no Movimento. Mas com o andar do tempo e o estreitamento cada vez maior dos G.D.U.P.s tomou-se tarefa inglória, e quem defendia um projecto político revolucionário não podia continuar a avalizar uma unidade falsa e reformista.

As contradições internas de uns G.D.U.P.s que tinham vindo a afastar-se cada vez mais das lutas dos trabalhadores e das suas estruturas autónomas logicamente agudizavam-se.

O insistir-se e o levar-se para a frente a realização de um Congresso sem um mínimo de condições criadas conduziu a tomadas de posição do M.S.U. e do P.R.P., que vieram apressar a então já praticamente inevitável derrocada dos G.D.U.P.s. Era manifestamente impossível a uma organização política com coerência e responsabilidades revolucionárias como o P.R.P. dar cobertura aquela fantochada de Congresso. Os resultados do Congresso e a prática posterior dos G.D.U.P.s/M.U.P., ou mais concretamente, a ausência de qualquer prática,

dele.

Dos poucos apartidários que restam no M.U.P., e exceptuando aqueles que querem formar o partido dos apartidários, o seu partidinho, são já vários os que nos últimos dias têm vindo a assumir posições firmes no sentido de se acabar de vez com a ambiguidade e com as falsas alternativas.

O recente encontro de militantes anti-fascistas, realizado em Coimbra a 23/1/77, reunindo militantes do M.U.P. e de fora dele, pela análise feita, pela composição essencialmente operária e pelas propostas aprovadas, parece apontar no sentido correcto em que deve ser entendida e feita a unidade. O alertar para o perigo iminente do fascismo, o apontar para as organizações populares de base (C.T., C.M., e C.A.), assim como para as organizações de militares revolucionários e comités de luta, como fundamento de reacção de um processo revolucionário, o reconhecimento de que não é por via pacífica que se faz a ruptura com a burguesia e de que é necessário uma «resistência activa», assim como da necessidade de unificação das lutas e de um projecto político global, poderá ser o início do relançamento de um projecto unitário e verdadeiramente revolucionário.

## 3 A UNIDADE REVOLUCIONÁRIA

Mas a natureza da crise económica, política e social que se vive não permite delongas na construção de uma lar-

## ROSA COUTINHO A direita não desiste

Primeiro sai o «Relatório das Sevilcias», depois Souto Cruz passa a «pasta» para oficiais gerais do Conselho Superior de Disciplina da Armada, seguidamente, surge uma tal «Comissão had-hoc» com as tarefas específicas de lhe formar culpas, ou seja de «descobrir» culpas, quer estas existam, quer não. Enfim a direita fascista organizada lança a nível da Marinha a sua ofensiva que se faz também sentir de forma poderosa nos outros ramos das FA.

Neste momento, depois da saída do «Relatório das Sevilias» já estão a ser formulados processos a oito oficiais, estando à frente de todos Rosa Coutinho, elemento chave em todo o processo de descolonização e que como seria de esperar está a sofrer um duro ataque das forças de direita.

O «Relatório das Sevilcias»; os processos que estão a forjar; as constantes provocações dos pasquins «O Dia», a «Rua» etc... que facilmente têm sido desmascarados; as provocações de Galvão de Melo na Assembleia da República; todos estes factos não são mais do que

peças de um ataque generalizado por parte da direita fascista ao processo de descolonização, ao próprio 25 de Abril e a tudo o que de antifascista e revolucionário ainda resta nas Forças Armadas.



# LUTAS DOS TRA

## COTESI • Entrevista com um operário

«REV» — Quando e como começou a luta que neste momento os operários químicos da COTESI desenvolvem contra o patronato?

«OPER» — Concretamente a luta na COTESI começa por uma greve, no dia 3 de Janeiro, com o fim de pressionar a administração a continuar a fazer os descontos para o sindicato, greve esta que teve o apoio de todos os trabalhadores da fábrica. Este passo da luta terminou no dia 13/1, por um acordo elaborado no MT.

O sector químico aquando dessas negociações no MT, afirmou aí mesmo a sua intenção de continuar a paralisação fosse qual fosse o resultado da greve das quotizações dado que tínhamos intenção de continuar a lutar por aquilo a que temos direito: o CCT aprovado há mais de um ano e que o MT mande realizar uma peritagem à empresa a fim de se analisar da viabilidade económica da empresa e da sua possibilidade, ou não, de cumprir esse mesmo CCT.

Esta decisão foi rectificada pela esmagadora maioria dos trabalhadores do sector em plenário realizado no próprio dia do fim da greve das quotizações sindicais.

O patronato e o Governo tudo têm feito para nos dividir e deste modo conseguiram «reinar» temos provas, por exemplo, do seguinte:

— O patronato e o governo subornaram o economista do sindicato encarregado de fazer a peritagem, fazendo com que ele a não realize.

— O chefe de pessoal (Brandão) separou 16 fichas individuais de trabalhadores que têm possibilidades de ceder e foi contactá-los pessoalmente procurando fazer com que eles furassem a greve.

«REV» — A situação actual é caracterizada por um impasse criado pelo governo e pela administração, que não querem ceder às exigências dos trabalhadores, os quais não exigem mais do que o cumprimento da lei.

Quais as formas de luta adoptadas pelos trabalhadores para a saída deste impasse?

«OPER» — Afirmamos aqui que o patronato são os sabotadores da economia nacional pois procuram refugiar-se, a fazer a peritagem a qual com certeza traria muitas fraudes à luz do dia, por exemplo, o sr. Violas diz que é uma vergonha a vinda cá de alguém de fora analisar a empresa. A isto os trabalhadores afirmam que o que ele tem é medo dela pois temos conhecimento de que ele, patrão da empresa, aluga à COTESI máquinas e armazéns adquiridos com os dinheiros da própria empresa; os seus familiares que não produzem absolutamente nada vêm cá ao fim do mês só para receber os «seus» chorudos ordenados; ele próprio afirma que montou uma fábrica no estrangeiro (Espanha) e, sabemos que é possuidor de «metade» de Grijó.

Nós já desafiamos quer o governo, através dos seus ministérios, quer a administração para publicamente termos um debate para se apurar a verdade e aí mesmo os desmascaramos.

Pensamos levantar o movimento de solidariedade operária em torno da nossa luta pois que se nós vencermos a vitória é de toda a classe.

«REV» — Neste momento, nota-se um forte avanço da recuperação capitalista. Qual é a interpretação dos trabalhadores químicos da COTESI quanto às constantes cedências do governo aos sabotadores capitalistas?

«OPER» — Estamos a ver que o governo pretende derrotar todas as lutas dos trabalhadores. Foi por isso que os químicos do Norte foram ao Congresso de Todos os Sindicatos, porque acham necessidade de unir o movimento sindical de unir todos os trabalhadores.

A actuação do governo tem sido péssima e estamos convencidos que no tempo do fascismo não se tomavam posições como se têm tomado agora, nós sentimo-lo na carne.

As posições do delegado do MT do Porto, são dignas de requintado fascista — não quer que as pessoas falem para nos impingir aquilo que lhe inte-

ressa, as únicas vezes que chamou os trabalhadores da COTESI foi para lhes dizer que «ou iam trabalhar ou o governo tomaria as posições que entendesse para os forçar a isso».

Mas como ainda podemos falar (para já ainda não nos fuzilam) não aceitamos as ordens fascistas e não temos qualquer receio a ameaças desse género, por isso a resposta dos trabalhadores químicos no fim do prazo dado, (às 18 horas do dia 13) em lugar de ceder juntámo-nos e cantámos a «Grândola» provando assim que ainda temos força para mantermos as nossas posições.

Há ainda um facto que gostaríamos de salientar: a provocação da GNR que veio cá com um armamento que dava para destruir Grijó inteira, ao que nós respondemos com o maior desprezo.

«REV» — Face à iminência de golpe fascista, o «dr.» Soares afirma que têm que ser eles (cúpulas do P.S.) a deter esse golpe.

Que pensam disto os trabalhadores da COTESI?

«OPER» — Para começar afirmo que a única classe capaz de enfrentar o golpe fascista é o povo explorado. O fascismo só será derrotado se os trabalhadores com a sua fortíssima unidade o esmagarem, isto porque na altura do confronto os «srs drs» estarão já longe, no estrangeiro.

Para finalizar reafirmámos a nossa posição — os trabalhadores químicos da COTESI não querem dinheiro o que querem é saber se a empresa pode ou não cumprir o CCT a fim de depois exigir o que é justo. De imediato apenas exigem o cumprimento do CCT nas cláusulas que não mexam na viabilidade económica da empresa, bem assim como a peritagem já em tempos aprovado pelo MT.

Por isto, reafirmámos que o governo e o patronato são os reais sabotadores da economia nacional e, desafiamos-os para um debate público a fim de aí mesmo o provarmos.

## Sobre a luta da COTESI

Sobre a luta dos trabalhadores da Cotesi de Grijó-Gaia, a organização local do PRP fez sair um comunicado que transcrevemos:

### Aos trabalhadores:

Apelamos para a solidariedade de todos os trabalhadores de Gaia para com os trabalhadores dos químicos da Cotesi de Grijó-Gaia.

O patronato reacçãoário, com a cobertura do Governo dito «socialista» (mas que já não engana ninguém), tenta por todas as formas levar a sua vontade, que é não satisfazer as reivindicações justas dos trabalhadores e ainda, pra cúmulo, dividi-los, suspendê-los e até, se possível, despedir em massa cerca de 200 trabalhadores.

Não se pode dizer que isto é o caminho para o fascismo. Isto é já o fascismo a bater à nossa porta. Se não vejamos: o custo de vida aumenta em flecha, de tal forma que daqui a pouco não se pode viver, os «pídes» são soltos, os militares reacçãoários novamente reintegrados e colocados em lugares chave, os aumentos do funcionalismo público são feitos nos mesmos moldes do tempo da outra senhora, os latifundiários estão a voltar a ser os reis e senhores do Alentejo, com a G.N.R. a guardar-lhes as costas e a reprimir severamente os trabalhadores como antipagamente, etc..

Tudo isto é já o princípio e o aviso de que o fascismo caminha para nós a passos gigantesco.

Trabalhadores: temos de opor resistência a tudo isto para evitarmos cair ainda mais na miséria e na opressão, temos de evitar que Portugal venha a ser um novo Chile, que será

terivelmente pior do que o fascismo que vivemos durante 48 anos. Só o evitaremos lutando nas fábricas, como fazem os trabalhadores da Cotesi, e nos campos. Devemos apoiar os trabalhadores da Cotesi para que não se sintam isolados na sua luta.

Em todas as fábricas, solidarizemo-nos, de todas as formas possíveis, com os trabalhadores da Cotesi em luta e lutemos contra as injustiças, como eles. Enviemo-lhes moções de apoio, solidarizemo-nos economicamente com eles para que a fome deles e dos filhos não os obrigue a abandonar a luta, façamos plenários com os outros trabalhadores, porque o esclarecimento é dos passos mais importantes para a unidade, e se pudermos (porque não) ir ao encontro deles, conversarmos com eles para que não se sintam isolados e sozinho.

Fazemos um apelo a todos os trabalhadores para que nos organizemos e nos preparemos para a luta decisiva que se aproxima, para que possamos sair vitoriosos e possamos construir o autêntico socialismo, onde possamos viver condignamente e onde não haja explorados nem exploradores, a sociedade dos trabalhadores que só nós, trabalhadores, poderemos levar avante.

**Morte ao fascismo e capitalismo!  
Organizemos a unidade revolucionária!  
Unidos e organizados, venceremos!  
Pela Revolução Socialista!**



# TRABALHADORES

## FUNÇÃO PÚBLICA

### Luta ou conciliação?

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública propôs ao sector a paralização do trabalho no próximo dia 15, como forma de protesto contra a aprovação na Assembleia da República do aumento de 15 por cento estabelecido pelo Governo.

A maneira como está a ser conduzida esta fase de luta tem objectivos idênticos aos da concentração anterior em S. Bento. São os objectivos do reformismo do PC que domina este sindicato e mais não pretende do que dar aos trabalhadores a ilusão de se ver empenhado a sério na luta para daí tirar os seus louros.

Só que a situação dos trabalhadores portugueses, seja da Função Pública ou não, neste momento, não se compadece com meias tintas. Para fazer frente às decisões reacçãoárias dos deputados da burguesia do CDS, PPD e PS enrincheirados atrás das bancadas do poder, um sindicato revolucionário teria que utilizar toda a sua força (e o sindicato da Função Pública tem-na) e mobilizar os trabalhadores para encetarem formas de luta que os conduzissem sem hesitações à vitória sobre a política fascista do Governo.

Assim, os trabalhadores da Função Pública continuam a ser alvo de todas as jogadas daqueles que tudo fazem para que eles não se apercebam do seu estatuto de explorados.

E isto, quer da parte do reacçãoário CDS que na Assembleia da República, após descarado namoro aos trabalhadores da Função Pública, justificou o apoio à desigualdade dos aumentos pela necessidade de evitar o risco da fuga dos técnicos para o sector privado, quer por parte dos sociais-democratas do PPD que com toda a demagogia usaram uma linguagem de esquerda acabando por abster-se na votação.

Quanto ao reformismo do PC, as suas tácticas de traição são ainda pouco claras para a maioria dos trabalhadores. Apresentando-se combativo na Assembleia da República (onde os explorados nunca poderão esperar ver resolvidos os seus problemas) vem agora, através do sindicato, servir de



travão para no fim tentar provar que lutou quanto podia. Aos trabalhadores das camadas mais desfavorecidas da Função Pública impõe-se analisar bem quais as soluções correctas para este

problema, quem as ataca, quem as escamoteia, quem as trai e como defendê-las.

Impõe-se continuar a luta para vencê-la!

# SOBRE A PARALISAÇÃO DA FUNÇÃO PÚBLICA

Sobre a paralisação dos trabalhadores da Função Pública prevista para o dia 15 como forma de luta contra o aumento de 15 por cento dos vencimentos aprovado pela A. R., o referido sector do P. R. P. elaborou o seguinte comunicado que passamos a transcrever:

#### CAMARADAS:

A Assembleia da República votou, como era de esperar, a favor do aumento fascista, apresentado pelo Governo P. S. (I) e que nós tínhamos rejeitado massivamente.

Nem era preciso ter assistido ao degradante espectáculo de imbecilidade e de incapacidade que foi essa sessão da Assembleia da República para se saber que em qualquer Parlamento burguês o que os deputados decidem nada tem a ver com os interesses ou com a resolução dos problemas dos trabalhadores.

De facto, camaradas, como pode a maioria dos senhores deputados que ganham 18 000\$00 (fora os extras) estar interessados na defesa de um aumento igual para todos, quando, ao fazê-lo, arriscariam a sua própria situação financeira?

Isto é a luta de classes que começa agora a agudizar-se no nosso sector pois a burguesia dominante em Portugal, mercê das dificuldades que tem na recuperação do capitalismo, vê-se já na necessidade de tomar medidas restritivas em sectores como a Função Pública, que, como suporte do Poder, neste momento seria prudente não hostilizar.

Mas as suas palavras já não nos enganam. Já sabemos que os problemas nos são sempre apresentados numa maneira complicada, para mostrar aos trabalhadores que é preciso alguém que governe por eles.

E, entretanto, que faz o sindicato? Após ter-nos mobilizado para que o problema fosse discutido na A. R., vem agora propôr-nos um dia de jornada de luta, justificando a não radicalização com o argumento de que isso poderia repercutir-se na situação

política e trazer resultados negativos para os trabalhadores.

ESTES SÃO OS ARGUMENTOS DO GOVERNO, NOSSO PATRÃO!

ISTO É A CONCILIAÇÃO DESCARADA!

Afinal o sindicato já desistiu da defesa da sua própria proposta (apresenta ainda como CDRP), remetendo para o futuro a solução do problema que neste momento nos afecta?

Camaradas, nós queremos que problemas fundamentais como as reclassificações e a reestruturação das carreiras sejam mais do que projectos guardados nas gavetas dos ministros, mas não podem de modo algum, neste momento, servir para desmobilizar os trabalhadores da luta contra o aumento fascista.

O nosso sindicato não pode apresentar-nos propostas que nos lancem na luta para depois nos travar, quando, no decurso dela ganharmos força.

Nós, trabalhadores da Função Pública

da do P. R. P., já tínhamos afirmado que os trabalhadores da F. P. não podem servir de meros instrumentos de negociação. E é assim que estamos a ser utilizados.

Considera-se o sindicato satisfeito? Nós não! E apelamos para a unidade de todos os trabalhadores explorados da Função Pública para continuarmos a luta até à revogação do D.-L. 923/76, o que não se conseguirá apenas com um dia de paralisação.

A luta por um aumento salarial justo não pode ser perdida! Só depende da nossa força, unidade e organização.

Convoquemos A. G. T.s por todo o lado, exigindo que o sindicato faça do dia 15 o 1.º de uma luta que só poderá terminar com a vitória dos trabalhadores da Função Pública.

LUTEMOS PELO AUMENTO DE 2000\$00 PARA TODOS!

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!

dos trabalhadores

# TÊXTEIS — Barcelos

O sector textil do PRP de Barcelos vem analisar o significado dos aumentos de 500 e 700 escudos oferecidos pelo patronato aos trabalhadores, no momento em que está em causa a negociação do Contrato Colectivo de Trabalho Único Vertical.

**ALERTA TRABALHADORES:**

Mais uma vez os patrões organizados na C.I.P. (Confederação dos Industriais Portugueses), nos tentam dividir.

O patronato sabendo que vão recomeçar as negociações por causa do CCTUV (Contrato Colectivo de Trabalho Único e Vertical), tentam nos manobrar dando-nos uma esmola para que não adiramos às possíveis lutas que se irão desencadear no seguimento dessas mesmas negociações.

É importante repararmos que é numa altura em que a recuperação capitalista se processa a um ritmo extremamente acelerado (o aumento do custo de vida: gás, óleo, carne, peixe, batatas, etc, os «pides» são soltos sem que nada lhes aconteça, nos postos de comando das Forças Armadas voltam-se a ver os generais fascistas, nas fábricas a repressão volta a fazer-se sentir, a Reforma Agrária é constantemente atacada, os oficiais revolucionários que fizeram o 25 de Abril são alvo de inquéritos inventados, etc) recuperação essa feita pelo falso governo socialista do dr. Soares, e pois ao mesmo tempo que isto acontece que os patrões/CIP vêm com mais esta manobra, cuja intenção é de quebrar o espirito de luta e de unidade que nós demonstrámos nas paralizações de Outubro.

Camaradas: embora este aumento agora dado, que rapidamente desaparecerá com o aumento do custo de vida, seja uma manobra do patronato, não deixa de ser uma conquista nossa. Pois se nós até agora não tivéssemos lutado por melhores condições de vida, nem estes miseros 500\$00 ou 700\$00 nos teriam dado.

Porque senão vejamos, quando antes do 25 de Abril ganhávamos ordenados miseráveis, alguma vez eles se interessaram que, em nossas casas muitas vezes só tivéssemos sopa para comer? NUNCA CAMARADAS! a sua política é a de quanto mais lucro melhor.

**LUTEMOS ORGANIZADAMENTE PELOS NOSSOS DIREITOS**

É preciso que tenhamos consciência que hoje em dia 500\$00 ou 700\$00 não são absolutamente nada.

É preciso que não nos fiquemos por aqui, nós é que produzimos tudo, por isso temos que ter direito a salários justos.

É preciso que tenhamos consciência que somos os trabalhadores mais mal pagos do País.

É preciso que tenhamos consciência que a Indústria Têxtil atravessa uma grave crise, cuja única solução é os trabalhadores fazerem a Revolução Socialista, tomando nas suas mãos os meios de produção, planificando a economia portuguesa, conquistando a independência nacional. É preciso que tenhamos consciência que os negros dias do fascismo começam a querer voltar, que os patrões não vão aceitar o CCTUV, que a alta burguesia nacional e o imperialismo (CIA) preparam-se para nos fazer voltar à exploração desenfreada do fascismo.

Enfim é preciso que tenhamos consciência que só unidos e organizados nos nossos locais de trabalho, opondo uma firme resposta às manobras divisionistas do patronato, conseguiremos fazer frente às intenções dos patrões/CIP, barrar o avanço às forças fascistas e fazer a Revolução Socialista.

— NÃO AO AUMENTO DO CUSTO DEVIDA!

— NÃO NOS ILUDEMOS COM AS MANOBRAS DOS PATRÕES/CIP!

— ORGANIZEMO-NOS CONTRA O FASCISMO E O CAPITALISMO!

— PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!

— PELO PODER DOS TRABALHADORES!

— A LUTA CONTINUA!

# ESTIVADORES EM LUTA

Terminou no passado dia 4 a greve dos estivadores que tinha começado no dia 2 de Fevereiro como forma de protesto contra uma nota oficiosa do Ministério do Trabalho, segundo a qual alguns estivadores usufruíam salários entre os vinte e os trinta mil escudos.

A paralisação que afectou todo o movimento portuário terminou devido a uma reunião no Ministério da Defesa entre uma delegação dos trabalhadores, o ministro da Defesa e o ministro do Trabalho, onde este se comprometeu a publicar um esclarecimento sobre quais são de facto os salários dos estivadores.

Já antes desta reunião os estivadores tentaram ser recebidos por membros do governo — uma concentração no dia anterior frente a S. Bento terminou sem que estes aceitassem receber os estivadores sob o pretexto de que eles tentavam exercer «pressão».

Paralelamente a esta luta desenvolve-se uma outra, a dos «homens da rua», trabalhadores da estiva não sindicalizados, que pretendem como primeira medida para conquistar o direito ao trabalho ingressar no Sindicato.

Estes 446 trabalhadores vêem-se impossibilitados de se sindicalizarem devido ao sindicato considerar impossível encontrar-lhes postos de trabalho quando todos os dias são despedidos trabalhadores sindicalizados. A proposta do M.T. de que fossem passados à reforma alguns trabalhadores sindicalizados para permitir aos «homens da rua» ocupar os seus postos de trabalho foi recusada pelo sindicato, baseando-se nos baixos salários que os estivadores sempre tiveram e consequentemente nas baixas reformas que teriam.

Entretanto o Comité de Luta dos «homens da rua» emitiu um comunicado em que denuncia a nota oficiosa do MT como uma tentativa do Governo de criar a divisão entre os trabalhadores sindicalizados e os que o não são.

Nesse mesmo comunicado os trabalhadores afirmam que os problemas



dos estivadores são os mesmos e que por isso têm que ser resolvidos em comum.

Os trabalhadores tomam depois posição face à direcção do sindicato que consideram estar a ser instrumentalizada pelo Ministério e dizem nomeadamente: «Como podemos estar de acordo que as direcções sindicais se oponham a trabalhadores que lutam pelo direito ao trabalho através da sua sindicalização, quando nós durante bastante tempo trabalhámos e descontámos para o Sindicato? Para quê servir-se dos trabalhadores sindicalizados pondo-os contra os não sindicalizados, quando somos só uma classe e com os mesmos problemas? Para quê afirmar que nós não fazemos do trabalho de descarga o principal da nossa actividade quando sabem que desde Janeiro de 1976 não nos deixam trabalhar? Para quê afirmar que nem todos os sindicalizados têm trabalho quando é sabido que há sempre quem faça horas extraordinárias?»

O comunicado termina considerando que a única greve justa neste momento é a que exija que os «trabalhadores da rua» sejam sindicalizados.

# ELECTRICISTAS em luta pelo CCT

Encontram-se na iminência de serem despedidos 700 trabalhadores no sector de electricidade e electrónica devido, entre outras razões, ao patronato considerar que existe excesso de mão-de-obra no sector. Estes despedimentos vêm na sequência de outros 2 mil efectuados depois do 25 de Abril.

Entretanto a Comissão Negociadora do CCT prossegue as negociações pela sua publicação desde há seis meses. Depois de reconhecido o direito à greve e a proibição do «Lock-out», os trabalhadores de-

frontam-se agora com a recusa do patronato em aceitar a tabela salarial e em consignar o controlo operário. Quanto ao primeiro ponto os trabalhadores propõem um aumento global de 31 por cento enquanto que o patronato pretende manter a tabela salarial do anterior CCT, o que os trabalhadores, não podem aceitar pois consideram inadmissível que se mantenham os salários de Maio de 1975 quando desde esta data até Outubro de 1976 o custo de vida aumentou em cerca de 28,7 por cento.

## “REVOLUÇÃO” Nº 100

Número especial de 24 páginas com, para além das secções habituais:

— Poster

— Destacável: Retrospectiva dos

“Revolução” anteriores.



# AS ARMAS NOS QUARTÉIS ESTÃO AO SERVIÇO DE QUEM?

A burguesia faz regressar o Exército à hierarquia. A ideologia da competência implanta-se. Cada qual no seu lugar — o homem certo no lugar certo. Assaltou o comando das principais unidades militares e faz tudo para organizar o Exército de que necessita.

Há, no entanto, o Exército de que necessita e o que lhe foi possível até agora organizar. Esta máquina é, neste momento, um rolo de contradições internas de grande importância, se souberem os revolucionários interpretá-las correctamente.

As classes de oficiais e sargentos têm, neste momento, pequenos problemas, mas de carácter puramente profissional.

## OS OFICIAIS — PROBLEMAS DOS MILICIANOS

A direita tem sabido integrar nas suas movimentações a luta que se tem desenvolvido com aspecto meramente reivindicativo. É o caso do que se passou em Mafra. Pretendem eles pressionar o poder por uma questão de justiça; pretendem pressionar Eanes. Consta que recusam plataformas seja com quem for, mesmo com os spinolistas, tendo estes várias vezes tentado, prontificando-se a fazer cedências.

No entanto, parece ser preocupação fundamental dos oficiais as suas promoções. Contam e tornam a contar quantos lhes estão à frente para ver quando lhes chega a vez.

## SARGENTOS — A CLASSE DAS PROMESSAS

Continuam a ser os sargentos a classe que tem desenvolvido maior esforço na criação deste Exército hierarquizado.

Mas, como sempre, a burguesia depois de deles se servir começa a dar-lhes para trás. Assim, ciam-lhes mais postos para se manterem por mais tempo em sargentos. É compreensível: está agora a servir-lhes o prato de lentilhas, depois do trabalho feio.

Terão os revolucionários e os trabalhadores de encontrar formas de mostrar aos sargentos que também eles tudo terão a ganhar apoiando os trabalhadores nas suas lutas pela Revolução socialista. Servir os capitalistas dá-lhes quando muito um prato de lentilhas, como este agora dos aumentos e dos novos postos. Notam-se já algumas movimentações de descontentamento que tudo leva a crer se irão desenvolver.

## OS SOLDADOS — SITUAÇÃO ACTUAL

A nova recruta, como se tinha previsto, está submetida a uma violenta repressão, mais feroz que a anterior. O medo e a opressão dominam. As punições reguladas pelo R.D.N. Todos os motivos são bons para fixar o melão.

A ideologia que lhes pretendem vender é a pró-fascista. Insiste-se minuto a minuto no apavio pessoal. Surpreendem-se por vezes os trabalhadores por verem grandes rondas da P.M. nas estações de caminho de ferro; mas o que é mais chocante é que eles ali estão para não permitir que

longos anos de experiência e não consta que morra de velha — é preciso destruí-la.

Nos desfiles o espectáculo é preparado com antecedência. Nas duas semanas anteriores treina de dia e embebedam-se à noite. Os interesses da burguesia revelam-se com toda a violência neste arrepiante circo onde os soldados fazem de palhaços em nome da disciplina e da ordem.

Os soldados tal como os trabalhadores a pouco e pouco assumem-se e organizam-se. As movimentações no R.I.A. em Abrantes são disso exemplo.

Os soldados protestaram contra a redução do fim-de-semana, formando para o fazer, em parada. Claro que por mais teço que seja o comandante, mesmo que sejam experimentados homens de direita, tal como Soares Carneiro, isto assusta-os. Faz-lhes lembrar tempos de um passado recente que eles pensavam para sempre terminado.

Intensifica-se a preparação operacional dos prontos e recruta, ensaiam como fazer patulhamentos e dispersar manifestações.

## A CHICALHADA

Assiste-se, no entanto, a autênticas cenas de teatro no interior dos quartéis. Desde a sensacional boca do comandante Freixo do R.I.C.B. em Castelo Branco, num dos tais «diálogos» em que só eles falam, justificando as recentes medidas de redução do fim-de-semana promovidas pelo Estado-Maior, alegando que se enquadram na política governamental de aumento de produção nacional, servindo deste modo de exemplo aos trabalhadores; até ao comportamento do tenente Santos do E.P.E. que exige que sempre que por ele passem lhe batam a pala. Claro que se um «desgraçado» passar por eles 100 vezes tem de bater 100 pauladas. Com a merda de comida que é servida, não se sabe onde arranjar força para tanto trabalho! Sem dúvida que nos quartéis também há momentos de «boa disposição»: o fascismo começa a estar caduco, sem imaginação.

## OS SPINOLISTAS

Esta é uma das forças militares que pretende pôr em causa a máquina. Esta corrente viola declaradamente todas as leis militares; faz reuniões com civis; promove coloquios extra-hierarquia; tem iniciativas obscuras, mesmo no interior do próprio aparelho. O R.D.M. para eles não é um código, mas um instrumento para atingir os seus objectivos.

Torna-se cada vez mais claro que esta corrente tem uma meta que é ter o poder, exercer o poder. É cada vez mais notório que esta linha procura acumular forças para contestar o actual poder político-militar e confrontar-se com os trabalhadores.

## OS COMANDOS DAS UNIDADES

Consolida-se a tomada da estrutura operacional. Utiliza-se o R.D.M. para consolidar a hierarquia. Mudam-se os oficiais de confiança para postos importantes da estrutura. Efectuam-se com frequência reuniões de comandantes, onde se procura estabelecer uma acção coordenadora a nível regional na tentativa de detectar a técnica de intervenção das forças revolucionárias. Procuram dar uma resposta coordenada às reivindicações dos soldados.

Até aqui as reivindicações eram pura e simplesmente reprimidas, agora adaptam-se e procuram uma tática, resta saber para que estratégia — se para a do sr. Soares, se para a de um Pinochet. Para nós é evidente qual a saída da estratégia de Soares. Esperamos que a realidade outros esclareça.

## COMPONENTE MILITAR-PERSPECTIVAS

Cada soldado é um revolucionário em potência. O militarismo é uma forma de opressão demasiado clara e injusta para que alguém não se assumia contra ela, depois de ultrapassar o medo e a desconfiança. É fácil dentro dos quartéis, dada a sua repressão, encontrar plataformas de luta unitárias.

Cada trabalhador tem de ser um agitador político dos soldados da sua terra, tem de aproximá-los das suas lutas e mantê-los do mesmo lado da barricada.

«A «psico» a que estão submetidos os soldados, se não houver uma contra-informação, poderá tornar-se demasiado perigosa. Há que ligar os soldados aos problemas concretos de cada zona. Há que informar os soldados das lutas dos trabalhadores e desmascarar e denunciar que a opressão dos quartéis e das fábricas serve os interesses da mesma classe — a burguesia.

O aumento de consciência política, fruto do processo revolucionário vivido até ao momento, criou franjas de revolucionários que têm desenvolvido aturado esforço nos quartéis de discussão e consciencialização. Cabe aos revolucionários organizar estas franjas para que não sejam presa fácil do militarismo.



# TIMOR: À INVASÃO

As informações sobre a situação actual na República Democrática de Timor Leste são muito escassas. As agências internacionais têm feito um boicote sistemático a todas as informações provenientes da FRETILIN e o próprio Governo Português não está muito interessado em aprofundar as questões levantadas por um processo de descolonização a que a agressão imperialista da Indonésia veio dar um desfecho sangrento e no qual pelas suas hesitações, pelas suas cedências e pelo seu silêncio de comprometimento tem sérias responsabilidades.

É para nós um dever internacionalista a divulgação da luta do Povo de Timor Leste e da FRETILIN contra a agressão indonésia e pela Independência Nacional. Socorremo-nos para tal de um documento recentemente editado pelo CIDAC (Centro de Informação e Documentação Anti-colonial) e cujos passos mais importantes transcrevemos neste e no próximo «Revolução».

## O 25 DE ABRIL EM TIMOR

### REFLEXOS IMEDIATOS

A notícia de que tinha havido um golpe em Portugal para derrubar o regime de Marcelo Caetano provocou de imediato grande alegria na população de Timor e nos soldados que aí cumpriam o serviço militar. Paralelamente, nos meios governamentais e no seio da burguesia local (pessoal administrativo, comerciantes chineses, proprietários e régulos) causou grande apreensão, havendo no início a esperança de que o 25 de Abril tivesse o mesmo destino que o primeiro levantamento de capitães em 16 de Março de 74. Assim, o governador, Alves Aldeia, tenta impedir, embora sem qualquer sucesso, que a notícia seja divulgada.

Os trabalhadores do porto de Dili entraram em greve reivindicando melhores salários, alcançando uma grande vitória. Os estudantes abriram um longo período de reflexão sobre o futuro do seu país. Camponeses afastaram muitos dos chefes de povoação e suco que tinham abertamente colaborado com o colonialismo português. No espaço de poucos meses os três maiores partidos — FRETILIN, UDT e APODETI, começam a tomar corpo.

Em Timor vivia-se com alguns anos de atraso em relação a Portugal. Assim, por exemplo, ainda em Abril de 74 se mantinham nas paredes das repartições públicas a fotografia de Salazar; e a reforma do ensino de Veiga Simão ainda não tinha chegado em Novembro 74.

O culto pela bandeira (funcionava pode-se dizer como um símbolo religioso) e o respeito pelas «sagradas instituições» do velho regime mantinham o povo atrofiado. No campo militar reinava a disciplina absoluta.

Ao governador Aldeia, que apesar das suas ligações com o antigo regime, se manteve como governador da colónia por mais três meses, seguiu-se o coronel Nívio Herdade (governador interino de transição), ferrenho splinologista que se manteve até à chegada do coronel Lemos Pires, em 18 de Novembro 74.

Com Nívio Herdade a situação pouco mudou. No entanto, a nível mili-

tar foi-se desenvolvendo um clima de mal-estar, sobretudo entre os soldados e comandos, chegando estes a forçar o então governador a fazer algumas cedências, no aspecto de haver maiores liberdades e a possibilidade de os militares se organizarem, reunirem, etc..

O mal-estar resultou do facto de eles saberem, ora através de cartas dos seus familiares, através da rádio ou através da vinda de novas tropas que a vida nos quartéis na metrópole havia mudado radicalmente.

### O M.F.A. EM TIMOR

Pouco antes da chegada de Lemos Pires iniciou-se uma activa movimentação dos milicianos, movimentação esta que foi aproveitada pela nova equipa governamental, tendo sido eleita uma comissão de quatro milicianos para os assuntos políticos.

Pouco mais tarde, em reunião geral de oficiais milicianos, foi eleita uma comissão para tratar da descolonização e para defender vários interesses dos milicianos.

Também a nível de soldados e sargentos se iniciam movimentações que se traduzem na formação de várias comissões.

Em Dezembro inicia-se o processo de constituição do M.F.A. em Timor. Criaram-se as CEBES (Comissões de Bem-Estar) com soldados, sargentos e oficiais eleitos pelos militares das várias unidades.

Estas Comissões de Bem-Estar vieram por sua vez, eleger a Comissão Coordenadora do MFA em Timor (2 Janeiro 75).

A formação do MFA veio retirar importância às múltiplas comissões que anteriormente se haviam formado. No entanto, manteve-se a Comissão dos quatro milicianos para os assuntos políticos.

Ainda no campo militar cabe referir o papel dos sargentos naturais de Timor que, com a redução dos efectivos portugueses de 900 para 450 homens em 20 de Janeiro 75, viram o seu peso reforçado a nível das Forças Armadas. Ciosos dos seus privilégios (recebiam altos salários) os sargentos naturais de Timor foram na sua maioria defensores acérrimos da continuação da ligação de Timor a Portugal



e daí terem apoiado, na sua maioria, a UDT.

Aquando da sua chegada em Novembro 75, o coronel Lemos Pires tentou formar um conselho de governo com a participação dos três maiores partidos. No entanto, a APODETI recusou-se a participar, alegando que só negociava com a Indonésia. Mais tarde, também a FRETILIN se recusou a participar na base de que alguns membros do conselho tinham tido ligações com o anterior regime.

### O APARECIMENTO DOS PARTIDOS POLÍTICOS

Pouco tempo após o 25 de Abril surgiram três partidos em Timor, cada um defendendo uma alternativa diferente quanto ao futuro do país: a UDT (União Democrática de Timor) que defendia a continuação da presença portuguesa, a FRETILIN (Frente Revolucionária de Timor Leste Independente) que defendia a independência total após um período relativamente curto de transição, e a APODETI (Associação Popular Democrática de Timor) que defendia a integração na Indonésia.

Vejamos como surgem cada um destes partidos.

### APODETI

Tendo origem na revolta de 1959 contra a Indonésia de Sukarno, este partido surgiu em 1974 em Timor Leste favorecendo a integração no regime militar fascista indonésia. Regime este que tomou o poder em 1965, após ter massacrado mais de um milhão de pessoas e que actualmente tem mais de 100.000 presos políticos espalhados por vários campos de concentração.

Sem ideologia definida, e tendo como objectivo a integração na Indonésia, foi durante todo o processo in-

capaz de mobilizar a opinião pública a dar-lhe o seu apoio, sendo no entanto tratado como o maior partido pela vizinha Indonésia.

Os dirigentes da APODETI foram sempre incapazes de ganhar a confiança da população, a qual os olhou sempre como sendo um grupo de políticos oportunistas, que tinham a esperança de ganhar para si boas posições, ao alinhamento na «real política» da área, favorecendo assim a integração.

Este objectivo foi sempre defendido com base na convicção do partido de que Timor era economicamente inviável e politicamente pouco desenvolvido para se aguentar sozinho no mundo. Foi também utilizado o argumento da mesma descendência étnica e cultural dos timores de ambas as partes da ilha.

O presidente da APODETI, Arnaldo dos Reis Araújo, esteve em tempos preso pelo governo português, acusado de ter colaborado com os japoneses durante a Segunda Guerra, o que foi formalmente reconhecido pela APODETI.

Ao longo de todo o tempo a APODETI nunca deixou de fazer ameaças. Desde atacar os outros partidos e por fim exclusivamente à FRETILIN, nunca deixaram de referir a sua enorme «força», o apoio que tinha da Indonésia, cujo exército, além de bem equipado, estaria ao seu serviço, e de aproveitar os seus programas de rádio para assustar as populações apregoando que reinava o caos, o desemprego, a miséria e a fome, enquanto que na Indonésia tudo era prosperidade, ordem, progresso e democracia.

### UDT

Temendo as possíveis mudanças que surgiriam e que podiam pôr em causa os seus privilégios, um grupo de pessoal administrativo formou a UDT, União Democrática Timorense, a

# DO 25 DE ABRIL INDONÉSIA

qual tinha como objectivo principal a manutenção do «status quo» no território.

Os fundadores da UDT eram naturais de Timor que tinham sido privilegiados pelas autoridades portuguesas, sendo alguns deles ex-membros da Acção Nacional Popular. O próprio presidente da UDT, Francisco Lopes da Cruz, director de «A Voz de Timor», o único jornal existente na ilha, foi membro da ANP, tendo também representado Timor, juntamente com Costa Mouzinho, (vice-presidente da UDT e antigo governador de Dili) na Assembleia Nacional em Lisboa, durante o regime de Marcelo Caetano.

Os simpatizantes mais próximos da UDT eram os funcionários mais bem colocados, alguns régulos, comerciantes de origem chinesa, a comunidade portuguesa local e a maioria dos sargentos timorezes que serviam no exército colonial.

A política educacional do governo português encorajou a formação de uma pequena elite de naturais que é culturalmente portuguesa. Os fundadores da UDT encontram-se dentro deste grupo, que no fundo se pode considerar como a «burguesia» local.

Logo após o 25 de Abril a UDT defendeu não a independência, mas a integração de Timor numa federação dos estados de língua portuguesa, com fortes laços culturais e comerciais com Portugal. Esta tese foi inspirada, pode dizer-se, no livro de Spínola «Portugal e o Futuro», vindo a ser abandonada por causa da evolução dos acontecimentos em Portugal (queda de Spínola) e em Timor (apoio cada vez maior à FRETILIN).

Assim, passado algum tempo, a UDT começou a defender a independência, mas apenas «após um período de 15 a 20 anos», vindo no entanto este período a ser progressivamente reduzido, até aos 3 a 5 anos.

Uma característica importante da actuação da UDT foi a sua incapacidade de defender uma linha política coerente, o que a levou a cair em numerosas contradições durante todo o processo.

## FRETILIN

Ao contrário da UDT, a FRETILIN tem a sua origem em grupos que já antes do 25 de Abril se preocupavam em discutir o futuro do seu país, os efeitos do colonialismo português e o atraso económico do território.

Assim, logo após a queda do regime de Marcelo Caetano, estes grupos criam a ASDT — Associação Social-Democrata de Timor, com José Ramos Horta como secretário-geral.

A greve dos trabalhadores do porto, a primeira na história da ASDT, deve-se ao trabalho da ASDT.

A 22 de Maio 74 a ASDT publica o seu primeiro manifesto político, reclamando a independência, o fim do colonialismo, a sua participação no

governo, o fim da discriminação racial e da corrupção e a cooperação fraternal com os países vizinhos.

Em Setembro 74 a ASDT decide transformar-se em partido, passando a denominar-se «Frente Revolucionária de Timor Leste Independente — FRETILIN», na intenção de aumentar a sua representatividade e de abarcar todas as forças progressistas.

A FRETILIN, inicialmente olhada como «subversiva», foi a pouco e pouco adquirindo maior vigor e audiência popular, tornando-se em pouco tempo o partido mais representativo e mais dinâmico.

O amplo apoio que a FRETILIN obteve rapidamente entre vastas camadas da população deve-se à correcção das alternativas que apresentava e ao mesmo tempo, às iniciativas que levava a cabo.

Assim, a FRETILIN realizou uma ampla campanha de alfabetização, que chegou às zonas interiores de Timor. Foram criadas, no espaço de um ano, mais de 200 escolas, muitas vezes construídas pelas populações mobilizadas pela FRETILIN.

Simultaneamente a FRETILIN desenvolveu uma acção importante no sentido de o povo timor adquirir uma consciência nacional. Assim lançou um programa de ensino da língua do povo timor, o tetum, que havia sido banida das escolas. Desenvolveu-se o orgulho de ser timor, o amor à cultura nativa e o respeito pelos valores nacionais.

Também no campo da assistência médico-sanitária a FRETILIN teve iniciativas importantes. Criou vários postos sanitários e organizou alguns cursos de primeiros socorros e pre-

venção de doenças. Em poucos meses formaram-se mais de 100 elementos, que se constituíram em equipas que, apoiadas por pessoal médico, desenvolveram importante acção nas zonas afastadas do interior da ilha.

A FRETILIN iniciou também um programa de criação de cooperativas agrícolas e a Reforma Agrária, o que veio mostrar aos camponeses que a FRETILIN estava realmente interessada em criar as bases de uma nova sociedade, e que as suas promessas não eram falsas.

Apesar de ter cometido alguns erros, devido essencialmente à sua inexperiência política, a muitos dos seus quadros serem muito jovens, recém-chegados de Lisboa e por conseguinte estarem um pouco afastados da realidade, a FRETILIN conseguiu mostrar ao povo de Timor Leste que havia outro caminho a percorrer além do da eterna exploração e miséria.

Durante os primeiros meses da sua existência conseguiu chamar a si mais de 80.000 simpatizantes. Nas eleições para os chefes de povoação, organizadas pelos portugueses em Junho de 75, 90 por cento dos novos chefes eleitos eram afectos à FRETILIN. O que constituiu uma prova flagrante da força e acolhimento que rapidamente obteve junto da população.

No seu programa a FRETILIN defende ainda, no plano interno: a eliminação gradual das relações coloniais, a Reforma Agrária exigindo que as grandes propriedades que não existissem cultivadas fossem expropriadas e transformadas em cooperativas. No plano externo: uma política de não-alinhamento e de boa vizinhança com os países da área.

Concluimos assim que a FRETILIN

era o único partido que tinha uma linha política definida e que foi capaz de levar à prática consequentemente, o que se traduziu na sua capacidade de mobilizar o povo em todas as situações: eleições para as autarquias locais, luta contra o golpe da UDT, organização dos camponeses, denúncia da política ambígua do governo português e resistência contra a invasão indonésia.

## A COLIGAÇÃO UDT-FRETILIN

O rápido crescimento da FRETILIN veio assustar os dirigentes da UDT. Assim, a ala moderada da UDT, através de Domingos Oliveira, seu secretário-geral, conseguiu levar a UDT a formar uma coligação com a FRETILIN, contra o perigo latente da invasão indonésia.

A coligação formou-se em Janeiro 75, tendo um programa muito semelhante ao da FRETILIN.

Ao contrário do que a UDT esperava, esta coligação só veio favorecer um maior crescimento da FRETILIN. Assim, logo em Abril os dirigentes da UDT estudavam a forma de romper com a coligação, virando-se para a Indonésia, para as forças australianas mais reacţionárias e para a APODETI.

A formação desta coligação veio aumentar a apreensão e pressões da Indonésia. Adm Malik, ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, declarou em Jakarta, em Dezembro 74, que para Timor só havia duas opções — a integração na Indonésia ou a continuação da soberania portuguesa. Uma terceira opção seria inviável.

Durante os primeiros meses de 1975 a Indonésia fez tudo por criar um clima de insegurança em Timor Leste, usando como principal meio transmissões de rádio, as quais eram ouvidas em Timor.

Nesta altura a Indonésia começou a reforçar a fronteira com o envio, em grande escala, de tropas, o que provocou da parte do governo australiano declarações de preocupação em relação ao futuro de Timor Leste.

Em meados de Março a crise diminuiu, como resultado da visita a Jakarta do governador português em Timor e dos dirigentes da UDT e da FRETILIN.

A Indonésia, que tinha apostado na APODETI, vendo que com o desenrolar do processo esta estava completamente desacreditada e não tinha qualquer apoio popular, passou a jogar na UDT, a qual estava a atravessar um duro período, causado pelo apoio crescente e massivo à FRETILIN.

Em Maio 75, a UDT quebrou a coligação. Em Junho os dirigentes da UDT deslocam-se novamente a Jakarta, onde terão garantido ao governo indonésio que estavam agora abertos à integração.



# Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuidora: Editorial 18 de Janeiro, ... Lisboa

## A DITADURA BRASILEIRA PREPARA MAIS CRIMES

### Apelo urgente à opinião pública portuguesa



Como recordam os democratas portugueses, no Brasil foram presos doze antifascistas e assassinados outros três há poucos dias. Na ocasião, a repressão brasileira reconheceu apenas a prisão de seis pessoas, cujos nomes foram divulgados, não tendo até ao momento reconhecido a prisão dos outros seis.

Um dos seis antifascistas cuja prisão foi reconhecida pelo regime brasileiro é ALDO ARANTES, advogado e ex-presidente da UNEB (União Nacional dos Estudantes do Brasil).

O Comité Pró-Amnistia Geral no Brasil acaba de ser informado, através de um apelo desesperado de um familiar de Aldo Arantes, que a repressão brasileira prepara o seu assassinato, caso Aldo não se dobre às torturas físicas e psicológicas a que vem sendo submetido e aceda a apresentar-se na Televisão para prestar declarações renegando o seu passado de luta e apoiando o regime ditatorial brasileiro.

Os crimes praticados pela ditadura militar em semelhantes circunstâncias, ao longo dos últimos anos, levam-nos à conclusão de que a ameaça concreta que pesa sobre a vida de Aldo Arantes é extensiva a todos os antifascistas detidos juntamente com ele.

Nesse sentido, o Comité Pró-Amnistia Geral no Brasil faz um vemente apelo aos democratas e antifascistas portugueses, para que através da sua denúncia e do seu firme protesto, impeçam a consumação de mais este crime.

**PELO RESPEITO À VIDA DE ALDO ARANTES E DE TODOS OS DETIDOS!  
PELO RESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL!  
PELA AMNISTIA GERAL NO BRASIL!**

O Comité Pró-Amnistia Geral no Brasil

## 4 DE FEVEREIRO Aniversário do início da luta armada em Angola

Comemorou-se no passado dia 4 de Fevereiro o 16.º aniversário do início da luta armada do povo angolano contra o colonialismo português.

Com efeito, foi há 16 anos que um grupo de patriotas angolanos, armados de armas roubadas à patrulha da Polícia, de catanas, de paus e de pedras, assaltou a casa de reclusão (onde estavam detidos algumas dezenas de combatentes), a Emissora de Rádio e o principal edifício da Polícia.

A defesa das tropas colonialistas foi violenta, estavam bem armadas e não lhes foi difícil derrotar aqueles que pela primeira vez pegavam em armas como forma de luta contra o regime que os oprimia. Destes combatentes, uns morreram logo no próprio assalto, outros viriam a sucumbir às torturas da P. I. D. E. e os que conseguiram sobreviver foram enviados para o Tarrafal.

Mas esta derrota veio apenas fazer com que em milhares de angolanos de Norte a Sul despertasse a vontade invencível de combater o colonialismo.

Nos 14 anos que se seguiram até à independência a luta não foi menos dura que nesse primei-

ro dia, mas, tal como então, a força do colonialismo e do imperialismo não conseguiu quebrar a disposição de lutar pela libertação.

Hoje o 4 de Fevereiro marca o princípio de um caminho em parte já percorrido — o caminho que leva ao socialismo.



## EDITORIAL

O perigo de um golpe de direita vem tornar cada vez mais importante a unidade necessária a vários níveis.

Na verdade há sinais visíveis da ameaça de um golpe fascista. O à vontade com que a extrema direita se organiza, escreve, movimenta é característico de quem tem sinal verde para actuar. A forma como os grupos de retornados reacçãoários se organizam para formar «esquadrões da morte»; a reorganização dos antigos da Legião Portuguesa; a utilização dos ex-pides para «trabalhos» especiais; o estranho envolvimento em casos de delito comum de figuras ligadas a partidos políticos — tudo isso nos faz pensar que existe um sector de organização da direita cuja fronteira com o poder é difícil de definir.

Mas é já em pleno centro do poder que se assiste a movimentações da extrema direita, militar e civil, que tomam claro que se forja um golpe fascista. É de resto dentro do poder também que ele é praticamente denunciado pelas palavras de Vasco Lourenço em Mafra.

Esta organização de direita tem também a sua campanha de agitação e propaganda, a qual se encarrega de criar, ao nível social, um clima propício à sua actuação. Os agitadores de direita, que nos sítios públicos fazem caminho ao fascismo, conjugam-se com os jornais de extrema direita, mais ferozmente pró-nazis do que foram no tempo do antigo regime.

E, claro, como último degrau da escalada faltava o elogio de Silva Pais, que juntamente com o regresso de Tomás e Caetano, serão as portas a franquear para que se crie um clima de aceitação do fascismo.

A par disto, o «Relatório das Sevícias» foi um pretexto legal para liquidar os oficiais progressistas. Após de Rosa Coutinho outros irão, para que sejam afastados pelas vias, por enquanto, legais.

É perante tudo isto que a questão da unidade se torna urgente e importante. Mas a unidade é sempre a «difícil unidade». Difícil porque exactamente significa que têm que estar juntos aqueles que não são iguais.

A unidade por outro lado não é um conceito abstracto. Tem que se concretizar no dia-a-dia, em cada tática, em cada luta.

A unidade de carácter superior que era o projecto do MUP autodestruíu-se. No entanto esse projecto fica de pé, como a possibilidade de uma auto-superação dos partidos, como a possibilidade de unir simultaneamente vários níveis de organização. Mas isso já nada tem a ver com aquilo a que se chama MUP, dominado por um partido stalinista, longe das lutas e da realidade concreta.

No entanto, em todos os momentos e em cada passo da história, a unidade é uma questão que tem de ser resolvida, faz parte imprescindível da tática dos revolucionários.

A unidade que hoje se põe aqui vai desde a unidade revolucionária de base até à ampla unidade antifascista, que inclui todos aqueles que são objecto da perseguição fascista.

Para os trabalhadores, nos bairros, nas fábricas, nos campos, interessa fazer unidade à volta de problemas concretos — A luta por uma informação revolucionária, a luta contra os despedimentos, a luta contra medidas sobre as empresas em autogestão ou intervencionadas que correm risco de fechar, a luta por melhores salários nas empresas com baixos salários. Estas lutas concretas não devem, no entanto, fazer esquecer a luta pela tomada do poder pelos trabalhadores, única possibilidade de operar transformações profundas que solucionem os problemas.

Por isso os trabalhadores não podem esquecer outras formas de unidade sectores da pequena burguesia atingidos pela crise, pequenos camponeses funcionários públicos, etc.

Tem que ser em clima de unidade que os militares nos quartéis têm que resistir à avançada fascista, que aí mais que em qualquer outro lado se faz sentir.

E em unidade talvez então seja possível impedir o fascismo.